

Trilhas: percursos interdisciplinares em educação musical¹

Leonardo Lopes Lourenço do Rio
Universidade Federal do Ceará
PET/UFC – Música
leonardorio@alu.ufc.br

Fabiana Brogliato Ribeiro
Universidade Federal do Ceará
PET/UFC – Música
fabibrogli@yahoo.com.br

Hayrles da Conceição Freitas de Moraes Alcântara
Universidade Federal do Ceará
PET/UFC - Música
hayrles_freitas@hotmail.com

Prof. Ma. Catherine Furtado dos Santos
Universidade Federal do Ceará
Tutora do PET/UFC - Música
batherine_84@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho apresenta o projeto Trilhas, desenvolvido junto aos estudantes de graduação do Curso de Música – ICA/UFC. O projeto Trilhas tem como objetivo o desenvolvimento de atividades interdisciplinares em Educação Musical no Ensino Superior. O objetivo do trabalho é a aplicação de uma metodologia que possibilite, a partir de uma temática musical escolhida semestralmente, a realização de atividades que integrem diversas áreas da Música tais como a História da Música, a Apreciação Musical, o Solfejo, a Análise e a Composição, empregando uma abordagem interdisciplinar e integrada. Além disso, pretende-se que essas atividades culminem na produção de material didático a partir das experiências vivenciadas. A partir disso, estamos desenvolvendo uma pesquisa ação, de caráter qualitativo, com o intuito de analisar a complexidade dos conceitos musicais e educacionais envolvidos na introdução de uma abordagem interdisciplinar para se ensinar Música. O projeto desenvolve-se através da realização de encontros semanais, cujas atividades são estruturadas tendo como base a Pedagogia de Projetos (HERNÁNDEZ, 1998). Como resultados parciais, observamos o envolvimento dos participantes do projeto, criando uma aprendizagem compartilhada e contextualizada, onde são aproveitadas as bagagens teóricas de todos os participantes envolvidos. Assim, não apenas os organizadores, como também os demais estudantes têm contribuído na condução dos encontros. Percebemos ainda que a abordagem interdisciplinar suscitou a necessidade da compreensão de conteúdos inicialmente não previstos no planejamento do projeto, de forma a tornar a aprendizagem observada mais rica e aprofundada.

Palavras chave: Educação Musical, Interdisciplinaridade, Pedagogia de Projetos.

¹ Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Gerardo Silveira Viana Júnior, da Universidade Federal do Ceará.

Introdução

Esse artigo tem como objetivo relatar e consolidar reflexões desenvolvidas dentro do Projeto Trilhas no semestre de 2014.1. O Projeto foi idealizado e organizado pelo grupo PET/UFC – Música, com o intuito de analisar a aplicação de uma metodologia interdisciplinar no processo de ensino-aprendizagem de Música. Partindo de temáticas específicas, definidas a cada semestre, pretendemos realizar análise de músicas, prática de solfejo, percepção e apreciação, compreensão de conceitos da Harmonia Funcional, e troca de materiais e conhecimentos, contando com a colaboração de todos os participantes, na perspectiva de Pedagogia de Projetos.

Surgido a partir da demanda, constatada pelos próprios estudantes, de espaços para se pensar música interdisciplinarmente, facilitando aprofundamentos e conectando os aprendizados das diferentes disciplinas do curso, o projeto visa contribuir na construção de metodologias que possam ser aplicadas em sala de aula.

No presente trabalho, inicialmente explicamos o surgimento da fragmentação das ciências e as consequências resultantes desse pensamento de forma a justificar o movimento contrário que se busca na educação moderna, visando reagrupar o conhecimento fragmentado em busca de uma visão total de um objeto de estudo. Em seguida definimos a metodologia Pedagogia de Projetos que foi utilizada como guia para a aplicação da interdisciplinaridade, finalizando com os planejamentos dos encontros seguidos dos relatos e reflexões a cerca dos mesmos.

Mudança de paradigma e a Interdisciplinaridade

A História da evolução científica tem mostrado que frequentemente existiu um modelo de pensamento de determinada área que se impôs sobre as outras (MAFFLIOTTI, 1994), levando-nos à extrema fragmentação das especializações de pensamento e de práticas, nas mais diversas áreas. Fazendo uma retrospectiva podemos observar, no período da Idade Média, a teologia liderando o pensar, até o século XVI, quando as descobertas da astronomia e da física, a partir de Copérnico, Galileu e Newton, passaram a dominar o pensamento científico até o século XVII. Depois, com René Descartes, a geometria analítica e a visão matemática de mundo determinaram a forma de pensar da época, criando a base para o

método científico moderno, que, no século seguinte, foi expandido por Auguste Comte das Ciências Naturais para as Ciências Sociais e Humanas.

Tais modelos dominantes acabaram por fragmentar e influenciar as diversas áreas do pensar, inclusive ainda hoje, em que buscamos uma visão mais aberta e abrangente, tendo constatado o fracasso do determinismo clássico. Falando em Educação Musical, segundo a autora Maffliotti (1994):

Classificar teoricamente supõe uma concepção de conhecimento que desqualifica a experiência. Por isso nos é familiar a divisão da música em melodia, ritmo e harmonia, e a subdivisão de cada um desses elementos em outras tantas partes. Assim, temos a certeza de que batendo o pulso o aluno vai compreender a semínima; que somando cada tempo vai compreender o ritmo; que identificando os intervalos vai compreender o que é melodia; que dissecando a harmonia em intervalos ou acordes de quatro, três e ou dois sons o aluno vai remontar o todo e aprender música. (MAFFLIOTTI, 1994)

Surgida como impulso por substituir essa ordem hierárquica positivista, o conceito de interdisciplinaridade passou a se fazer muito presente a partir do século XX.

Aos poucos o positivismo conduziu a humanidade para o engessamento epistemológico, impossibilitando a abertura de novos saberes, novas disciplinas. Era importante uma inter-relação dinâmica entre as disciplinas para a constituição de um novo sistema científico. Sob essa perspectiva, a interdisciplinaridade impõe-se pela exigência de se criar um outro método de análise do mundo, uma vez que as disciplinas isoladas não podiam mais responder satisfatoriamente aos problemas da sociedade contemporânea. (LIMA, 2007 p. 51)

Fazia-se necessária uma interação dinâmica entre as Ciências, viabilizando a existência de sistemas funcionais de ação dentro de uma heterogeneidade científica, de uma maneira a integrar e se comunicar com as disciplinas aproximando-as às necessidades sociais.

No caso da Educação, a interdisciplinaridade se manifesta como possibilidade de quebrar a rigidez dos isolamentos em que se encontram as disciplinas dos currículos escolares. É assim que, hoje, constatamos muitas atividades desenvolvidas nas escolas de ensino fundamental que buscam envolver mais de uma área, explicitando essa tentativa de integração das disciplinas. Porém, a tal tentativa de trabalho conjunto entre as disciplinas, abordando temas comuns sob diferentes óticas, chamamos de multidisciplinaridade, que se esgota em uma justaposição de disciplinas, não visando um projeto específico.

Do ponto de vista educacional, a interdisciplinaridade se processa quando “dois ou mais componentes curriculares possibilitam a construção de conhecimento, permitindo uma mudança nos métodos de ensino e nas práticas pedagógicas, em uma perspectiva mais filosófica do que integrativa.” (LIMA, 2007). Ela se refere à formação integral na perspectiva da *totalidade*. Para isso, é de fundamental importância a definição da prática que se pretende relacionar à teoria.

Por ser a Música uma arte que envolve em si diferentes disciplinas e conhecimentos, os educadores musicais pressupõem estar agindo sob bases interdisciplinares, o que muitas vezes não acontece. Como ressalta a autora Lima (2007):

Sendo assim, é importante que se tenha bem definido o significado da palavra interdisciplinaridade, o seu sentido para a educação, e qual a sua abrangência para o ensino e a pesquisa musical, a fim de que se possa fazer uso correto desse manancial, que dia-a-dia se integra à epistemologia contemporânea. (LIMA, 2007 p.51)

Por constatarmos, tanto em nossa formação universitária no Curso de Música como em nossa experiência docente nas escolas da Rede Pública de Ensino, que ainda há muitas lacunas no que diz respeito à aplicação da abordagem interdisciplinar, iniciamos um grupo de estudos com os estudantes de graduação no intuito de oferecer um espaço onde essa abordagem possa acontecer, buscando desenvolver metodologias adequadas, e contribuir futuramente para essa demanda educacional.

Metodologias Interdisciplinares

Não existem métodos padronizados para serem aplicados na interdisciplinaridade. Segundo Gerard Fourez, “é necessário que a prática interdisciplinar torne-se uma disciplina que possa ser ensinada a todos, porém, ela é pouco ensinada, seja no nível secundário, seja nas universidades” (FOUREZ Apud LIMA 2007, p. 58).

Conforme defende a autora Sonia Albano de Lima, a implantação de uma metodologia interdisciplinar exige mudanças sociais profundas nas estruturas institucionais, psicossociológicas e culturais. Precisariamos de uma reforma da estrutura do ensino de acordo com o sujeito que se pretende formar. As relações de aprendizagem seriam pautadas pelo diálogo, respeitando todos os indivíduos. Os espaços para tal prática também deveriam ser

outros e além disso, a base para tal mudança seria uma reflexão filosófica. Por isso o processo de aplicação da interdisciplinaridade é lento.

Só com essa reflexão filosófica é que a interdisciplinaridade poderia se preocupar com a verdade do homem enquanto ser do mundo e não apenas com a integração de disciplinas, como faz a multidisciplinaridade e a pluridisciplinaridade. A filosofia conferiria à interdisciplinaridade a dialogicidade, a intersubjetividade, presentes na hermenêutica que procura a um só tempo interpretar, explicar e compreender o mundo. Diante disso, ela utilizaria a educação como uma excelente ferramenta, como a forma mais segura de compreender e modificar o mundo. (LIMA, 2007, p. 59).

Sem essa definição de metodologia, a interdisciplinaridade utiliza-se de procedimentos básicos, como a maiêutica, o diálogo e a colaboração, sendo muito importante a troca de experiências e conhecimentos.

A educadora Magaly Kleber (2010), ao relatar a experiência de aplicação de uma proposta interdisciplinar na Universidade Estadual de Londrina, ressalta que para o desenvolvimento efetivo das atividades interdisciplinares em sala de aula foi necessário o envolvimento dos participantes, que eram divididos em professores da escola, estagiários e docente universitário, em oficinas para o entendimento e discussão da interdisciplinaridade e reuniões periódicas para desenvolvimento de material didático que levasse a proposta interdisciplinar em sua essência.

Sobre a experiência da aplicação de uma proposta interdisciplinar na escola pública Manfrinato, uma das estagiárias envolvida na experiência desenvolvida por Kleber relata na conclusão de seu relatório:

Chego ao fim desse relatório com a sensação de dever cumprido. Trabalhar interdisciplinarmente não é uma tarefa fácil, levamos um bom tempo discutindo como conseguiríamos isso e como interligaríamos tudo, deu trabalho, mas foi possível e o resultado foi bom, os alunos saíam de uma aula e entravam em outra sem terem que se “desligar” de uma coisa para se “ligarem” em algo completamente novo, as coisas caminhavam num fluxo semelhante. (MANFRINATO Apud KLEBER, 2010, p. 78).

A relação positiva se dá às possibilidades de experimentar e possivelmente errar por esse caminho, visualizando o erro não como um fracasso total, mas como parte fundamental do aprendizado no processo de construção de uma metodologia eficiente para a aplicação da interdisciplinaridade no projeto desenvolvido. Destacando o pensamento de Santomé:

[...]optar por trabalhar com pressuposições, como as que caracterizam as propostas integradas, também é uma aposta na atualização e reconstrução da figura docente. O corpo docente precisa recuperar doses de coragem moral e capacidade de crítica ante o peso excessivo da cultura da objetividade, anti-intelectualismo e do consenso conservador. É preciso recuperar o valor da subjetividade partilhada e do trabalho democrático em equipe. (SANTOMÉ Apud KLEBER, 2010, p. 80)

Kleber (2010) ressalta que a experiência com a interdisciplinaridade dentro do estágio supervisionado na graduação oferece uma formação mais sólida para que sejam no futuro professores que utilizam de forma natural em sua prática docente a interdisciplinaridade. A autora segue para a conclusão do texto reiterando outros fatores importantes para o educador musical como a sensibilidade ao ambiente sociocultural que circunda a escola, que possibilita entendimento para além da percepção puramente conteudista, buscando assim ligar sua prática docente e levar em consideração os fatores positivos ou negativos que envolvam a escola como um todo.

Pedagogia de Projetos

A pesquisadora Maria Elisabette Brisola Brito Prado, em artigo publicado pelo MEC sobre a pedagogia de projetos, afirma:

A pedagogia de projetos deve permitir que o aluno aprenda-fazendo e reconheça a própria autoria naquilo que produz por meio de questões de investigação que lhe impulsionam a contextualizar conceitos já conhecidos e descobrir outros que emergem durante o desenvolvimento do projeto. Nessa situação de aprendizagem, o aluno precisa selecionar informações significativas, tomar decisões, trabalhar em grupo, gerenciar confronto de idéias, enfim, desenvolver competências interpessoais para aprender de forma colaborativa com seus pares. (PRADO, 2005, p. 15)

A pedagogia de projetos tem a função de catalisadora da interdisciplinaridade, isto ocorre pois a direção a se seguir durante o processo não se foca em uma disciplina específica mas em um tema movedor de interesse. Logo para sua compreensão plena serão necessários estudos direcionados para uma série de disciplinas específicas que terão significância concreta na vivência do aluno em contrapartida a uma abordagem que determina a disciplina como importante em si mesma.

O conhecimento específico disciplinar oferece ao aluno a possibilidade de reconhecer e compreender as particularidades de um determinado conteúdo, e o conhecimento integrado interdisciplinar dá-lhe a possibilidade de

estabelecer relações significativas entre conhecimentos. Ambos se realimentam e um não existe sem o outro. (PRADO, 2005, p. 15)

O projeto Trilhas – Relatos de experiências

Partindo da demanda observada por espaços de discussão e aprendizado interdisciplinar dentro do Curso de Música, um grupo de quatro alunos bolsistas do grupo PET/UFC Música idealizou o projeto chamado de Trilhas. Inicialmente foi definido o gênero musical “Baião” como o primeiro tema musical a ser estudado interdisciplinarmente pelo grupo.

O planejamento do trabalho partiu de reuniões em que, juntos, pesquisamos acerca do tema e selecionamos o material que usaríamos nos encontros: textos, músicas e vídeos. Escolhemos o documentário “O homem que engarrafava nuvens”, de Humberto Teixeira para o primeiro encontro, e o debate que se sucedeu a partir do vídeo trouxe os pontos que nortearam o planejamento do encontro seguinte, como a diferença entre os gêneros Baião e Coco, e a origem de tais gêneros musicais brasileiros ligada ao Lundu.

Sobre a origem do Baião, Luiz Gonzaga relata no filme:

[...] “quando toquei Baião pra ele (Humberto Teixeira), saiu a ideia de um novo gênero. Mas o Baião já existia como coisa de folclore. Eu o tirei do bojo da viola do cantador, quando faz o tempero pra entrar na cantoria e dá aquela batida, aquela cadência no bojo da viola. A palavra também já existia. Uns dizem que vem do baiano, outros que vem de baía grande. O que não existia era uma música que caracterizasse o Baião como um ritmo. Era uma coisa que falava: “dá um baião aí”. Tinha só o tempero, que era prelúdio da cantoria. É aquilo que o cantador faz quando começa a pontilhar a viola esperando inspiração”.

A partir disso escolhemos a música 'Coco do Norte', de Jackson do Pandeiro, na intenção de trazer à baila a confusão entre os ritmos Coco e Baião, e a partir disso suscitar os múltiplos aspectos que compõem e caracterizam o Baião, para além dos instrumentos e da célula rítmica básica.

Pesquisamos material sobre o Lundu, e encontramos algumas gravações, como “Isto é bom”, de Xisto Bahia e um lundu anônimo, de século XIX, colhido por Mário de Andrade. Encontramos também um vídeo de dança, e por ser a umbigada uma das características apresentadas, os alunos presentes sugeriram outros vídeos de danças tradicionais (tambor de

crioula, batuque de umbigada) que apresentam essa mesma característica, a fim de comparar as manifestações. Por fim, realizamos a escrita e a leitura rítmica da célula básica do ritmo Baião (duas colcheias pontuadas e uma colcheia em compasso dois por quatro), diferenciando-a da tercina (três semínimas preenchendo um compasso dois por quatro)

Iniciamos o encontro seguinte com a apreciação de um vídeo de Baden Powell tocando “Asa Branca” e analisamos sua introdução, construída sobre um improviso do violonista que gradualmente foi mudando sua improvisação até se estabilizar no modo mixolídio (característico do Baião). Então iniciamos uma discussão sobre a estrutura dos modos eclesiásticos explicando a diferente construção dos intervalos de tais escalas, como a sétima menor, característica do modo mixolídio.

É importante ressaltar que a partir da dinâmica desse dia, percebemos que, por mais que estejamos todos os quatro bolsistas presentes nos encontros, cada um tem sua habilidade própria, o que irá fazê-lo assumir a frente em determinadas temáticas, naturalmente. Tal dinâmica colaborativa se expande também aos alunos convidados a participarem do projeto.

Após esse dia, uma das bolsistas integrantes, movida pelos estudos que realizamos, compôs um Baião, com letra, harmonia e melodia, intitulado “A visita de Padim Ciço”, e apresentou-o ao grupo com a proposta de trabalharmos conjuntamente um arranjo. Ela relatou que “foram os estudos realizados no decorrer dos encontros do grupo que capacitaram esse manuseio e maturidade na articulação do tema, das expressões utilizadas no gênero do Baião (incluindo alguns “erros” de português que foram colocados propositalmente), na estrutura das partes da música e nos acordes escolhidos para a melodia.”

Houve uma discussão sobre a permanência ou não do acorde “Bb7”, se este descaracterizava a música, ou colocava em risco a compreensão da mesma como Baião. Após serem levantadas algumas outras possibilidades de acordes, optamos pela permanência do “Bb7”, por considerarmos que o mesmo, além de se encaixar perfeitamente na proposta melódica, não distorce o sentido geral do contexto musical do Baião.

Por fim, realizamos um último encontro, ao final do semestre, em que levamos instrumentos e trabalhamos livremente as ideias musicas que surgiram para a composição, trabalhando com abertura de vozes e a inclusão de instrumentos percussivos.

Considerações Finais

Diante dos argumentos, relatos e reflexões apresentados nesse artigo, observamos que a abordagem interdisciplinar é extremamente valiosa em um ambiente de ensino e aprendizagem formal como a universidade, mais especificamente em um curso de licenciatura, pois agrega à formação de futuros professores uma dinâmica de aula que leva em consideração as bagagens teóricas e vivências dos estudantes como parte integrante do processo, de maneira mais natural, algo que é bastante importante para a música: “Na maioria das vezes, na vivência da criação artística, buscamos a não-divisão, a vivência de uma arte total” (SILVINO, 2011, p. 39).

Ao longo dos cinco encontros realizados, pesquisamos o gênero Baião envolvendo apreciação musical e histórica, percepção e solfejo, conhecimentos de análise harmônica, além de curiosidades surgidas que se inter-relacionam com o tema. A abordagem se deu de maneira espontânea e colaborativa, e cada colocação dos participantes interferiu no direcionamento dos encontros.

Podemos observar que a postura de acolher curiosidades, dúvidas e inquietações dos demais participantes, tomada pelos organizadores possibilitou um ambiente de aprendizagem que não era carregado de obrigações ou imposições autoritárias de conteúdos, fator importante para o professor de música que atuará no ensino básico:

Se o professor de música não compreende e não respeita as fases de aprendizagem do indivíduo, ele pode atrapalhar e dificultar o aprendizado, podendo até causar danos irreparáveis. As diferentes pessoas, segundo idade, educação e estado psicofísico, reagirão de maneira característica, mostrando menos ou maior atração pelo “alimento” sonoro que está sendo que está ao seu alcance ou que lhes é oferecido, realizando o ato de absorção e internalização com diferentes graus de concentração, continuidade e finura (GAINZA apud LIMA, 2012, p.108)

Iniciar os encontros partindo da apreciação do documentário, seguida de debate, ajudou na espontaneidade dos participantes se colocarem e sentirem-se parte do projeto, trazendo observações que nos ajudaram a conhecer melhor quem era o grupo, e a escolher e planejar os materiais e os tópicos que seriam interessantes para tal grupo.

Como tivemos participação majoritariamente de alunos do primeiro semestre, foi significativa a abordagem de alguns baiões, aos quais somos culturalmente familiarizados, sob a perspectiva da Percepção e do Solfejo, contribuindo no entendimento daquilo que se

ouve, e desmistificando o ato de solfejar, muitas vezes temido pelos alunos, com melodias tão conhecidas por todos nós.

Analisar a harmonia e entender a construção dos modos eclesiásticos, exemplificando e conduzindo a percepção através do canto e da audição, também foi um dos pontos positivos levantados pelos participantes, que sentiram suas dúvidas contempladas, demonstrando que a construção do conhecimento gradual e coletiva facilita o aprendizado geral e possibilita relações entre as habilidades que cada disciplina exige.

Além disso, a escolha do Baião, tema familiar ao nosso contexto, propiciou que o grupo se apossasse dos conhecimentos discutidos, valorizando sua própria bagagem cultural, e possibilitando até mesmo que uma integrante se sentisse à vontade o suficiente para compor uma música e compartilhá-la, movida por expressar todos os elementos trabalhados e apreendidos ao longo dos encontros.

Logo podemos observar que a interdisciplinaridade aplicada através da pedagogia de projetos pode contribuir para o educador musical em formação, capacitando-o a integrar em sua metodologia de ensino motivações e reflexões advindas dos alunos, de forma a criar um ambiente de aprendizagem que valoriza o discente como centro do processo de ensino e aprendizagem.

Como um projeto em andamento, nos semestres seguintes trabalharemos novos temas, amadurecendo a dinâmica de funcionamento do grupo, desde a organização até a realização dos encontros, buscando também a participação de mais alunos e de semestres mais variados. Esperamos que tal participação se reflita na atuação dos estudantes enquanto educadores, possibilitando a visão totalizadora da interdisciplinaridade em suas práticas, além de estimular o envolvimento dos mesmos para com seus processos formativos, fazendo com que se tornem pesquisadores ativos na busca de conhecimento.

Pretendemos registrar tal experiência, criando também um acervo dos materiais utilizados e gerados, no intuito de posteriormente sistematizá-los e aplicá-los em outros espaços e contextos.

Referências

HERNÁNDEZ, F. Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho. Porto Alegre, Editora ArtMed, 1998.

KLEBER, M. O.; SANTOS CACIONE, C. E. dos. Uma experiência interdisciplinar no curso de Licenciatura em Música da Universidade Estadual de Londrina. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 23, 75-83, mar. 2010.

LIMA, H. M. O Pensamento Complexo e a Transdisciplinaridade no Ensino da Música. In: ALBUQUERQUE, L. B.; ROGÉRIO, P. (Org.). Educação Musical: Campos de Pesquisa, Formação e Experiências. Fortaleza, Edições UFC, 2012. p. 107- 117.

LIMA, S. A. de. Interdisciplinaridade: Uma prioridade para o ensino musical. v. 7, n.º 1, São Paulo: Música Hodie, 2007, p. 51-65. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/musica/article/view/1754/12184> . Acesso em 8 de agosto de 2014.

MAFFLIOTTI, L.A. Uma visão interdisciplinar para a educação musical. Cadernos de Estudo - Educação Musical Nº4/5 – São Paulo, nov. 1994. Disponível em: http://www.atravez.org.br/ceem_4_5/visao_interdisciplinar.htm Acesso em 10 de agosto de 2014.

PRADO, M. E. B. B. Pedagogia de Projetos: Fundamentos e Implicações In: DE ALMEIDA ,Maria Elizabeth Bianconcini e MORAN, José Manuel (Org.). Integração das Tecnologias na Educação. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 13-17. Disponível em: <https://www.portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/1sf.pdf> . Acesso em 12 de agosto de 2014.

SILVINO, I. “...ah, se eu tivesse asas...”, Fortaleza, Editora DIZ, 2011.